

Cabelos longos

Tradução de Tomoko Kimura Gaudioso¹
e Meiko Shimon

As saias das moças ficaram curtas e os cabelos, longos.
No entanto, Kurasaburô já estava com setenta e oito anos de idade.

Ele encontrou na página de um jornal um poema estilo *waka*² que falava de cabelos negros a formar um desenho abstrato sobre o alvejante lençol.

O poema não deixava claro se a mulher estava deitada sozinha ou acompanhada, se seus cabelos longos estariam imóveis ou não. Talvez, a forma do poema em trinta e uma sílabas não tenha sido suficiente para descrevê-los, ou talvez foram omitidos intencionalmente.

No leito de Kurasaburô dormia um gato preto, deitado na altura de seu quadril. Deitar-se invariavelmente ao seu lado esquerdo tornara-se um hábito deste gato nos últimos quatro ou cinco anos.

Como todas as noites o gato se acomodava no mesmo lugar, Kurasaburô tinha ordenado à mulher do seu motorista que não deixasse de estender o leito³, mesmo nos dias em que dormisse fora de casa. Entretanto, segundo ela, quando Kurasaburô se ausentava, o gato passava a noite na almofada do dono da casa, colocada na sala de estar.

Quando chegou perto dos sessenta e cinco anos de idade, seu despertar matinal passou a acontecer cedo demais. Desde então, espera ansiosamente pela chegada dos jornais.

Ao buscar os jornais colocados ao lado do portão da casa, saindo do vestíbulo para o jardim, pelo alvorecer do inverno e, ao ouvir o barulho das colunas de gelo se quebrarem sob seus pés, ele sente sua alma lavada. Inspira profundamente o ar abaixo de zero grau.

Entre os ramos de cinco ou seis pés de pinheiros altos, enfileirados ao leste, avista-se o céu que tinge de vermelho o raiar do sol hibernal.

O gato, no leito, espera Kurasaburô trazer os jornais. Quando volta a deitar-se, o gato, às vezes, fica lambendo a mão do dono com sua

¹ Professora Auxiliar do Setor de Japonês do Instituto de Letras - UFRGS.

² Também conhecido como *tanka*: poema japonês de cinco versos com 5-7-5-7-7 sílabas.

³ No quarto estilo japonês desprovido de cama prepara-se o leito todas as noites, estendendo os acolchoados, que são retirados na manhã seguinte.

língua áspera. Acontece, por vezes, que esse contato parece despertar o ser indomado no interior de Kurasaburô.

É costume seu ficar lendo os jornais deitado, enquanto espera o casal, o motorista e sua mulher, acordar. Queria, pelo menos, abrir o *amado*⁴, mas pensa que poderia chatear o motorista que se acostumou a executar tal tarefa.

Atualmente, restam nesta casa apenas Kurasaburô e esse casal.

A esposa de Kurasaburô morreu num verão quando ele tinha sessenta e cinco anos. Os dois filhos e a filha estão casados e moram separados do pai, assim como a filha única do motorista. Cada qual tem seus netos.

O motorista também chegou aos sessenta e um anos este ano. Faz vinte e cinco anos que trabalha com Kurasaburô.

Desde que Kurasaburô se aposentara aos setenta e um anos, a necessidade de carro diminuiu significativamente. O motorista executava mais as tarefas de jardinagem e serviços gerais.

À medida em que este passou a ficar mais tempo na mansão do patrão, sua mulher começou a ajudar nos serviços caseiros e aprendeu os costumes da casa. E sentindo-se mais à vontade, passou a trabalhar ali o dia inteiro. Após a morte da esposa de Kurasaburô, a mulher passou a cuidar do patrão como se fosse sua obrigação natural.

Se por um lado, o motorista era o único que conhecia todas as mulheres de Kurasaburô, a temperatura da água do banho era a esposa do motorista que sempre deixava a gosto do patrão e nunca errava.

O motorista e sua mulher passaram a ser a família de Kurasaburô sem ter nenhum grau de parentesco. Acabou sendo um encontro da vida.

Antes, o salário de motorista era pago pela empresa e Kurasaburô acrescentava algo mais por seus serviços. Na época em que se aposentara, pensou que seria melhor para o motorista que se tornasse taxista, mas não chegou a lhe falar. Achou que apenas deixaria o casal magoado, pois, ao seu ver, também eram pessoas insubstituíveis. Além do que, passando já dos setenta anos não seria fácil encontrar alguém que pudesse substituir um casal como esse.

Eles moravam há anos na parte de cima da garagem.

Como atrás da garagem era um depósito da casa, os quartos construídos sobre ele eram amplos, compondo-se de dois em estilo japonês de seis tatames e um em estilo ocidental, além de uma varanda que servia para secar as roupas lavadas e uma cozinha que não era tão pequena.

⁴*Amado*: Portas corredeiras de madeira que ficam no limiar externo da habitação japonesa, as quais se fecham à noite. Durante o dia ficam confinadas numa espécie de caixão armado numa das extremidades.

A filha do motorista, também, freqüentara o colégio morando nesta casa, permanecendo até casar-se. O espaço era bastante folgado para o motorista e a mulher.

Entretanto, após a morte da esposa, Kurasaburô sugeriu a eles que se mudassem para a casa principal ou, pelo menos, pousassem à noite. Após discutir o assunto, o casal recusou a oferta. Disseram que poderiam causar má impressão aos filhos do patrão.

Kurasaburô disse-lhes, que se ficasse sozinho na casa ninguém perceberia, caso tivesse morte súbita durante a noite.

O motorista sugeriu que arranjasse uma mulher nova para dormir perto dele. A mulher do motorista, sem se comover com as palavras de Kurasaburô, declarou confiante que não deixaria acontecer nenhuma desgraça repentina, já que conhecia bem a disposição do patrão.

Para não deixar a habilidade do motorista envelhecida, Kurasaburô planejava viagens para lugares distantes que necessitassem de carro, pelo menos uma vez a cada um ou dois meses. Talvez, o motorista também pensasse no patrão ao sugerir viagens, quando ele deixava de fazê-las, por um bom tempo.

Por isso, só para o motorista é que, desde início, Kurasaburô falou da moça chamada Hisako.

Como havia contado o início, contou-lhe também o fim.

Entretanto, nunca chegou a lhe confidenciar sobre o emaranhar do coração que o fazia lembrar-se de Hisako, à noite, no leito, enquanto esperava o sono chegar, e, até às vezes, ao despertar pela manhã.

Kurasaburô assina seis jornais. Ele os lê vagarosamente, mas terminada a leitura, fica com uma sensação de insatisfação. Sente-se um pouco solitário.

Todos os dias, entre às nove e meia e dez horas, enquanto fica na sala de estar ainda com as roupas de dormir, recebe telefonemas de seu corretor de valores mobiliários. O corretor aprendeu nestes quatro ou cinco anos de contato, que seu cliente gostava de que os telefonemas fossem bastante demorados. Por isso, apesar de ser um homem ocupado, ele falava longamente. Mesmo assim, Kurasaburô ficava sempre com pena de desligar o telefone.

Após aposentar-se, Kurasaburô, com a desculpa de continuar ligado aos movimentos financeiros, passou a comprar e vender ações. No início, era tímido e cauteloso, mas com o tempo tornara-se ousado e até exagerava em suas aplicações.

O corretor, porém, nem sempre cumpria as ordens dadas pelo telefone. Várias vezes havia negociado as ações de modo diverso daquele que havia sido combinado. Parecia também que o corretor entendia que Kurasaburô fazia esses exageros intencionalmente para divertir-se com o bate-boca e prolongar a conversa.

Esse corretor de valores, conhecido de longa data, tal como o motorista e sua mulher, devia estar acreditando que zelava para a velhice de Kurasaburô.

Mas aplicação é sempre aplicação. Enquanto recebia proteção do corretor para os perigos de cometer imprudências e, dizendo só por dizer os absurdos sem fundamentos, às vezes, isso funcionava como certa intuição e acabava por lhe trazer bons e inesperados lucros.

Foi após ler as páginas do mercado de ações dos seis jornais e definir mais ou menos o conteúdo do telefonema para o corretor, quando Kurasaburô notou o poema que falava de um desenho abstrato formado pelos cabelos negros sobre o lençol branco.

Não poderia saber se esses cabelos longos e negros estariam imóveis ou em movimento, por estar a mulher sozinha ou com seu amante.

Kurasaburô interpretou, embora sem indícios para isso, que ela estaria sozinha. A mulher olha seus cabelos esparramados no leito branco e diz que é um desenho abstrato. Kurasaburô logo enjoou do poema.

Ele achou melhor não rejeitar também a autora, só porque não lhe agradara o poema. Também era impossível Kurasaburô conhecer a mulher, já que o poema estava na coluna de leitores.

A única certeza era que existe, em algum lugar, uma mulher que contemplava seus longos cabelos espalhados num leito.

Por causa da moça chamada Hisako é que o poema mexeu com o coração dele. O poema fê-lo lembrar Hisako.

As lágrimas que escorriam do canto dos olhos dela deviam estar molhando alguma parte dos cabelos esparramados no lençol branco. As mãos de Kurasaburô haviam tateado os cabelos de Hisako.

Foi por causa de um gesto que fizera na manhã seguinte, quando pela primeira vez ficara nos braços de Kurasaburô, Hisako tornou-se uma mulher que deixou tão forte impressão na sua lembrança.

Antes desta, ele lembrava de uma mulher com o nome de Haruko devido a um sussuro que dera no ouvido dele.

Quanto à Haruko, não teve uma relação afetiva com ela a ponto de lamentar o rompimento, tanto é que, mesmo depois de rompidos, continuavam se encontrando como amigos. Nos raros encontros que aconteciam, ela demonstrava as saudades que sentia, sempre com uma alegre disposição que não escondia o contentamento por revê-lo. Kurasaburô, por sua vez, sentia tranqüila intimidade por já ter tocado seu corpo.

Uma mulher como Haruko era um dos motivos de Kurasaburô sentir a vida doce.

Quando recebeu o convite dela da inauguração de um pequeno restaurante que iria ficar aberto à noite toda, em Yushima, Kurasaburô

visitou-a uns dez dias depois da data, levando consigo três jovens da empresa onde trabalhava até o ano anterior.

Fazia um ano que não via Haruko. O restaurante era melhor do que esperava.

Enquanto Kurasaburô, em frente ao caixa, esperava a conta, Haruko ficou ao seu lado, encostando-se nele e abraçando-o levemente.

De repente, aproximando a boca no ouvido dele, Haruko perguntou se ela já não lhe servia, por ser velha demais. Espantado, Kurasaburô olhou-a.

Ela estaria com vinte e oito anos. Ainda jovem, com menos de trinta anos. Kurasaburô estava com setenta e dois.

Haruko deitara com ele quando tinha vinte e três, mas não parecia ter mudado muito.

Entretanto, Kurasaburô saiu do restaurante sem dizer se queria deitar-se novamente com ela.

Apenas, aquele sussurro tão vivaz que encerrava um sincero carinho permaneceu inapagável por muito tempo.

Os gestos de Hisako, entretanto, foram muito mais inesperados para Kurasaburô. Ela era uma mocinha de apenas dezoito anos.

Ele recebeu, inesperadamente, o pedido da mãe de Hisako para tornar sua filha uma mulher. Foi um pedido deveras espantoso.

A mãe era dona de uma *pub* no bairro Roppongi, mas fora gueixa quando jovem. Quando trabalhava como tal, Kurasaburô a usara como relações sociais da empresa e, inclusive, permitia que frequentasse sua casa para prestar tais serviços.

Ela pretendia que sua única filha levasse uma vida decente, mas, na primavera daquele ano, ao concluir o curso secundário, a filha manifestou a decisão de trabalhar num *pub*. Não no *pub* de sua mãe, mas pretendia entrar num de alto padrão do bairro Ginza.

A mãe acreditava que ser uma virgem não tinha nenhum valor naquele mundo e que a virgindade seria mais um peso e que só atrapalharia a sua carreira. Antes pelo contrário, afirmava ela, que nunca conseguiu livrar-se da sua própria experiência humilhante de ter vendido o corpo pela primeira vez e, por isso, não desejava que a filha passasse pela mesma humilhação. Certamente, o primeiro homem da filha será um tipo imprestável que lhe deixará uma cicatriz de arrependimento.

Apesar de suspeitar que a cicatriz dessa mãe tenha sido profunda, ainda assim, Kurasaburô hesitou em aceitar o tal pedido. É obvio que não lhe perguntou como fora essa antiga cicatriz.

Recusou o pedido, dizendo que sentia pena da menina. Disse-lhe que o assunto deveria ser desconhecido por Hisako. A mãe perguntou se ele aceitaria caso a filha consentisse. Jurou que não cobraria nenhuma responsabilidade de Kurasaburô, muito menos algum tipo de sacrifício.

Dizendo que a filha havia consentido, a mãe trouxe Hisako à casa de Kurasaburô. Anunciou que se retiraria logo, deixando-a ali.

Era uma bonita moça.

Com uma desculpa qualquer, Kurasaburô conseguiu escapar dessa.

Passaram-se seis meses. Nesse meio tempo, Kurasaburô recebeu mais dois ou três telefonemas da mãe, pedindo que realizasse uma viagem com sua filha.

O motorista disse-lhe da confiança que a mãe de Hisako depositava nele. Nesse caso devo ter mais cuidado para evitar qualquer deslize, respondeu Kurasaburô.

No outono, quando ele estava num hotel em Kawana, por uma semana para jogar golfe, o motorista trouxe Hisako e sua mãe.

Disse que a mãe da menina afirmara ter recebido um telefonema de Kurasaburô ordenando-lhe que a trouxesse. Era mentira, mas Kurasaburô ficou calado.

A mãe ficou hospedada num quarto separado.

Como Hisako ficava com o corpo tenso e tremia, Kurasaburô examinou-a através da penumbra. Na testa da menina via-se um suor gelado. Colocando a mão, notou que a testa estava fria. Dos cantos dos olhos fechados escorriam as lágrimas. Parecia que as lágrimas molhavam alguma parte dos cabelos esparramados sob o pequeno rosto. Com as mãos, Kurasaburô bateu os cabelos, mas não conseguiu sentir o local molhado pelas lágrimas.

Perguntando-lhe se estava triste, Kurasaburô afastou-se dela. Hisako não disse nada.

Eram três da madrugada, quando ele acordou. Apesar de ter duas camas, Hisako estava adormecida na cama dele. Não se sabe se sentiu o movimento de Kurasaburô, Hisako abriu os olhos.

Talvez, por estar sonolenta, ela docilmente entregou-se a ele.

Pela manhã, quando Kurasaburô acordou, ela já estava levantada, sentada numa cadeira.

Notando que estava sendo observada, levantou-se serenamente e veio ao seu encontro. Sem nada dizer, sentou-se na cama dele. Então, apoiando-se com uma mão, ergueu as duas pernas juntas sobre a cama, com os joelhos um pouco dobrados. Kurasaburô arredou o cobertor e abraçou Hisako, que fez esse gesto inesperado, e a puxou para dentro do lençol. Tudo ocorreu em silêncio.

Tudo isso aconteceu há quatro anos, quando Kurasaburô tinha setenta e quatro anos.

O poema de cabelos negros era mais um motivo de Kurasaburô recordar os gestos de Hisako daquela manhã. **(Kami wa nagaku, 1970)**

Bibliografia

- FUKUDA, Kiyoto. *Kawabata Yasunari - Hito do sakuhin (Vida e obras de Kawabata Yasunari)*. Tóquio, Shimizu Shoin: 1990.
- KAWABATA, Yasunari. *Bi no sonzai to hakken (A presença e o descobrimento do Belo)*. In: *Kawabata Yasunari Zenshû*. Tóquio, Shinchôsha: 1975.
- KAWABATA, Yasunari. *Tenohira no Shôsetsu*. Tóquio, Shinchôsha: 1993.
- MATSUZAKA, Toshio. *Kawabata Yasunari "Tanagokoro no shôsetsu" kenkyû (Pesquisa sobre "Contos que cabem na palma da mão: de Kawabata Yasunari)*. Tóquio, Kyôiku Shuppan Sentô: 1983.
- YOSHIMURA, Teiji. *Kawabata Yasunari - Bi to dentô (Kawabata Yasunari-Beleza e tradição)*. Tóquio, Gakugeishorin: 1968.